

## **SISTEMAS ALIMENTARES DE PROXIMIDADE: Produção agroecológica em circuitos curtos**

Marcones Ivo Braz<sup>1</sup>

### **Resumo**

Os Circuitos alimentares de proximidade têm sido objeto de intenso debate nas últimas décadas, sobretudo na França, onde ganha corpo o conceito de “Circuits Courts”. Apesar de centrais na elaboração de políticas públicas e nos projetos de desenvolvimento local, o conceito ainda é polissêmico, variando de acordo com o lugar de aplicação. Em Pays de la Loire, uma das regiões administrativas da França, é onde o conceito de Circuitos curtos é formalizado governamentalmente pela primeira vez, através da Charte Régionale e posteriormente na região administrativa de Pays d’Ancenis através do Conseil de développement. Este trabalho apresenta um estudo de estado da arte sobre os sistemas alimentares de proximidade, ou Circuitos Curtos, observando, para isso, a literatura Francesa, sobretudo as formulações governamentais do conceito, e também o caso brasileiro.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento local, mercado global, Circuitos curtos.

### **Introdução**

A produção de alimentos hoje, de acordo com Ploeg (2008), se baseia preponderantemente na agricultura em larga escala, intensiva, especializada e dominada pelo processo agroindustrial que vincula a produção diretamente ao mercado alimentar mundial. Estes sistemas de mercado organizados globalmente, em que os alimentos percorrem grandes distâncias, são controlados por gigantescas empresas transnacionais, e estão “embrulhados” em problemas sociais, ambientais e nutricionais.

Essa tendência se cristalizou após a chamada revolução verde, que de acordo com Poulain (2006), consiste em um modelo de modernização da agricultura mundial, baseado no princípio da intensificação através da especialização, utilizando-se dessa forma de insumos químicos, os chamados agrotóxicos e sementes manipuladas geneticamente. As relações comerciais constituem fase preponderante no processo de industrialização da agricultura, a agroindustrialização alimentar (transformação, alimentos pré-prontos, congelamento) aliado ao progresso dos meios de transporte e de conservação de alimentos (caminhões e containers refrigerados e rápidos) modificaram profundamente o modo de distribuição dos produtos alimentares.

---

<sup>1</sup> Discente do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); [marconesbraz@gmail.com](mailto:marconesbraz@gmail.com).

Nos países europeus e particularmente, na França, houve uma forte concentração de propriedades e industrialização dos sistemas produtivos ao longo do século XX, mudando, de acordo com (LAMINE, 2008), as relações sociais no meio rural (Os agricultores passaram a trabalhar prioritariamente para abastecer as grandes redes agroindustriais). Deste modo, paralelamente a concentração da população nas grandes cidades e o crescente êxodo rural, criou-se um distanciamento entre campo e cidade. O comércio em larga escala para grande distribuição, aliado aos hábitos considerados “modernos” (fast food e o “comer fora de casa”), criou um modelo de produção-distribuição-consumo concentrado em circuitos longos, fazendo com que os alimentos sejam destituídos de identidade e afastando cada vez mais produtores e consumidores.

A venda direta de produtos locais para alimentação, atividade secular, que sofreu intensa transformação a partir do século XX com a racionalização e intensificação da agricultura industrial (novas tecnologias, mecanização, introdução de agrotóxicos, monoculturas), passa a ser revalorizada como fator de desenvolvimento local. Na França, 83% dos produtos orgânicos são comercializados por via indireta em supermercados e lojas especializadas, enquanto 17% dos produtos são comercializados diretamente pelos produtores em feiras do produtor e cestas entregues em domicílio (DAROLT, 2013). No Brasil as feiras de produtos sem agrotóxicos tem se multiplicado, de acordo com pesquisa realizada em 2012 pelo Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec), que identificou 140 feiras ecológicas certificadas em 22 das 27 capitais brasileiras. O estudo também aponta que onde a agricultura familiar está presente as vendas diretas são mais pronunciadas.

Neste contexto, as feiras adquirem um novo papel como canal de comercialização de produtos de base ecológica e como elemento transformador da sociedade, tendo não só o papel de gerar emprego, dinamizar a economia local e possibilitando o acesso ao mercado justo, mas o de como disse Raymond Williams (2011), de reconectar o mundo rural ao urbano.

### **Os Circuitos alimentares**

A aceleração contemporânea e a abstração da natureza, das quais falava Milton Santos (1999), obtém êxito também na agricultura, que no pós-revolução verde atrela-se cada vez mais à lógica de mercado global. O fluxo de informações e mercadorias cria necessidades antes inexistentes em dadas sociedades, alimentos vindos de regiões geográficas longínquas tornam-se necessidades primárias no mundo moderno.

Com essa crescente oferta de insumos químicos, por parte de empresas multinacionais, estes, de acordo com Londres (2011) tornaram-se economicamente acessíveis, o que praticamente generalizou o uso de agrotóxicos na agricultura de todos os níveis, porém facilitando as relações comerciais por parte dos grandes agricultores, que passam a ser fornecedores de um amplo e polarizado mercado consumidor: os shoppings e supermercados.

Paralelo a esta centralização do fornecimento alimentar, e esta oferta de agrotóxicos, tem se intensificado, mesmo entre os pequenos e médios produtores que praticam a agricultura voltada ao mercado, sem a devida preocupação com a sustentabilidade. Este método produtivo, que ainda de acordo, tem se expandido nas pequenas e médias propriedades, é o que tem abastecido as feiras livres e os mercados convencionais. No entanto, nestes casos, existem intrincadas teias de relações comerciais, movidas por inúmeros intermediários (conhecidos popularmente como atravessadores) entre o produtor e consumidor, gerando assim o aumento de preço dos produtos e, o que Poulain (2006, p.51) chama de uma “crise de identidade alimentar”, que é caracterizada pela quase impossibilidade do consumidor saber onde, quem e como se produz determinada mercadoria.

Este processo de industrialização alimentar pós-revolução verde tem passado por algumas fases de reestruturação, que de acordo com Redin, E; Silveira, P.R.C. (2009), caracteriza-se em três etapas: (1) a reestruturação e aumento da produção agrícola, impulsionadas pela propagação do uso de agrotóxicos, intensificando os latifúndios e expandindo o agronegócio, (2) a remodelação do setor atacadista para atender o mercado de massa em crescimento com o processo de urbanização nos países em desenvolvimento e (3) a reestruturação do setor de distribuição caracterizada pela expansão das grandes redes de supermercados pelos países em desenvolvimento e a concentração cada vez maior do varejo em seu poder. A opção pela agricultura industrial tem padronizado a cadeia alimentar e homogeneizado algumas paisagens rurais, e isso tem afetado pequenos agricultores que não podem competir com grandes produtores e importações em grande escala.

No Brasil, em específico, os frutos da revolução verde são notórios. Entre 2001 e 2008 a venda de venenos agrícolas no país saltou de pouco mais de US\$ 2 bilhões para mais US\$ 7 bilhões, quando alcançamos a triste posição de maior consumidor mundial de venenos. Foram 986,5 mil toneladas de agrotóxicos aplicados. Em 2009 ampliamos ainda mais o consumo e ultrapassamos a marca de 1 milhão de toneladas – o que representa nada menos que 5,2 kg de veneno por habitante. Além disso, segundo, Londres (2011) o cenário econômico da produção

de trigo no Brasil mostra que o país encontra-se em uma “situação de dependência em relação à produção de países exportadores, casos da Argentina, União Europeia e Estados Unidos”.

Nos países europeus e particularmente, na França, houve uma forte concentração de propriedades e industrialização dos sistemas produtivos ao longo do século XX, mudando, de acordo com Lamine (2008), as relações sociais no meio rural (Os agricultores passaram a trabalhar prioritariamente para abastecer as grandes redes agroindustriais). Deste modo, paralelamente a concentração da população nas grandes cidades e o crescente êxodo rural, criou-se um distanciamento entre campo e cidade. O comércio em larga escala para grande distribuição, aliado aos hábitos considerados “modernos” (o fast food e o “comer fora de casa”), criou um modelo de produção-distribuição-consumo concentrado em circuitos longos, que de acordo com Leader (2016) consiste em uma cadeia de relações comerciais de longa distância e que envolvem grande número de intermediários entre produtor e consumidor final. Essas intrincadas teias comerciais tem como característica a elevação do preço final dos produtos, diminuindo a rastreabilidade destes, dada a quase impossibilidade de o consumidor saber onde, quem e como se produz determinada mercadoria fazendo com que estes sejam destituídos de identidade, e afastando socialmente o rural do urbano.

Neste contexto, tem sido objeto de intenso debate, sobretudo em órgãos de incentivo governamental da França, o conceito de Circuitos Curtos agroalimentares, que de acordo com Marechal (2008) é utilizado para caracterizar os circuitos de distribuição que mobilizam até, no máximo, um intermediário entre produtor e consumidor. Porém a Charte régionale, escrita pela comissão para o desenvolvimento agrícola da região administrativa de Pays de la Loire, delimita uma extensão entre local de produção e consumo, estabelecendo uma distância máxima de 80 km entre esses locais, atribuindo aos Circuitos Curtos não somente uma dimensão social de proximidade, mas também geográfica.

### **Definição dos Circuitos Curtos e a comercialização de produtos Orgânicos**

O mercado de produtos orgânicos no Brasil é um mercado em franca expansão, de acordo com Guivant (2003), as pessoas, tendo maior acesso à informação, estão buscando um estilo de vida saudável e para isso têm cada vez mais se preocupado com o tipo de alimento que consomem.

Pesquisa realizada em 2012 pelo Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec) identificou 140 feiras ecológicas certificadas em 22 das 27 capitais brasileiras. O estudo aponta

que onde a agricultura familiar está presente as vendas diretas são mais pronunciadas. Apesar disso, a maioria dos consumidores de produtos orgânicos (72%) ainda compra em supermercados, mas boa parte já complementa suas compras em pequenos varejos: 42% recorrem a lojas especializadas e 35% a feiras do produtor (KLUTH et al., 2011). Na França, 47% das vendas de alimentos orgânicos acontecem em supermercados, 36% em lojas especializadas e 17% em canais de venda direta (DAROLT et al 2013).

Nisso, ainda segundo Guivant (2003), os supermercados passaram a ter um papel dominante em relação aos canais alternativos de comercialização, sendo hoje os principais fornecedores de produtos sem agrotóxicos, relegando as feiras ligadas à pequena produção familiar um papel secundário. Apesar dos supermercados fornecerem grande percentagem dos produtos sem agrotóxicos, Poulain (2006) afirma que, ainda assim, estes produtos muitas vezes são destituídos de identidade, pois em muitos casos são cultivados a centenas e às vezes milhares de quilômetros dos locais onde são vendidos, e também passando por inúmeros intermediários. Isto caracteriza o que Leader (2016), chama de circuitos longos, pois se assemelha à produção agroindustrial clássica.

Desta, em oposição aos modelos de produção, comercialização e consumo dominantes e tendo em vista as relações de proximidade, novos conceitos têm sido formulados. Um dos mais importantes é o conceito de Circuitos Curtos agroalimentares, ou Circuitos de proximidade. Essas novas tipologias metodológicas, tem em vista a proximidade social e geográfica entre produtores e consumidores, o que além de um maior desenvolvimento local, tem em vista a reconexão entre o rural e o urbano, que segundo Ploeg (2008) constituem na modernidade “mundos diferentes”.

Do ponto de vista conceptual, o movimento focalizado na temática da aproximação entre produtores e consumidores é desencadeado por um vasto conjunto de autores, culminando numa multiplicidade de conceitos. Desta maneira é possível encontrar na literatura termos como “Foodshed”, (KLOPENBURG *et al.* 1996), remetendo para a unidade entre o local, as pessoas, a natureza e a sociedade e a “Civic Agriculture”, Por sua vez, Murdoch fala em “cadeias alimentares alternativas (alternative supply chains) e Muchnik desenvolveu o conceito de sistemas agroalimentares localizados - SIAL (localized agri-food system) ou ainda os “Sistemas Alimentares Locais” que é definido por Feenstra (2006) como “um esforço colaborativo para construir economias alimentares autossustentadas e baseadas no local”.

Apesar desta diversidade de conceitos, a noção mais abrangente que enquadra este tipo de relação de proximidade social entre produtor e consumidor é o conceito de circuitos Curtos agroalimentares. Conceito este, a princípio fundamentado na realidade francesa, foi desenvolvido por Chaffotte e Chiffolleau (2007) (representado na figura X) e é caracterizado pela relação direta entre produtor e consumidor, ou por no máximo um intermediário entre os dois, a curta distância geográfica entre os locais de produção e comercialização/consumo, o desenvolvimento local, a territorialização da alimentação e a valorização cultural, permitindo que o agricultor utilize suas próprias relações culturais e sociais no processo de produção e venda. Em 2009, de acordo com o ministério da Agricultura da França assim definiu os Circuitos Curtos:

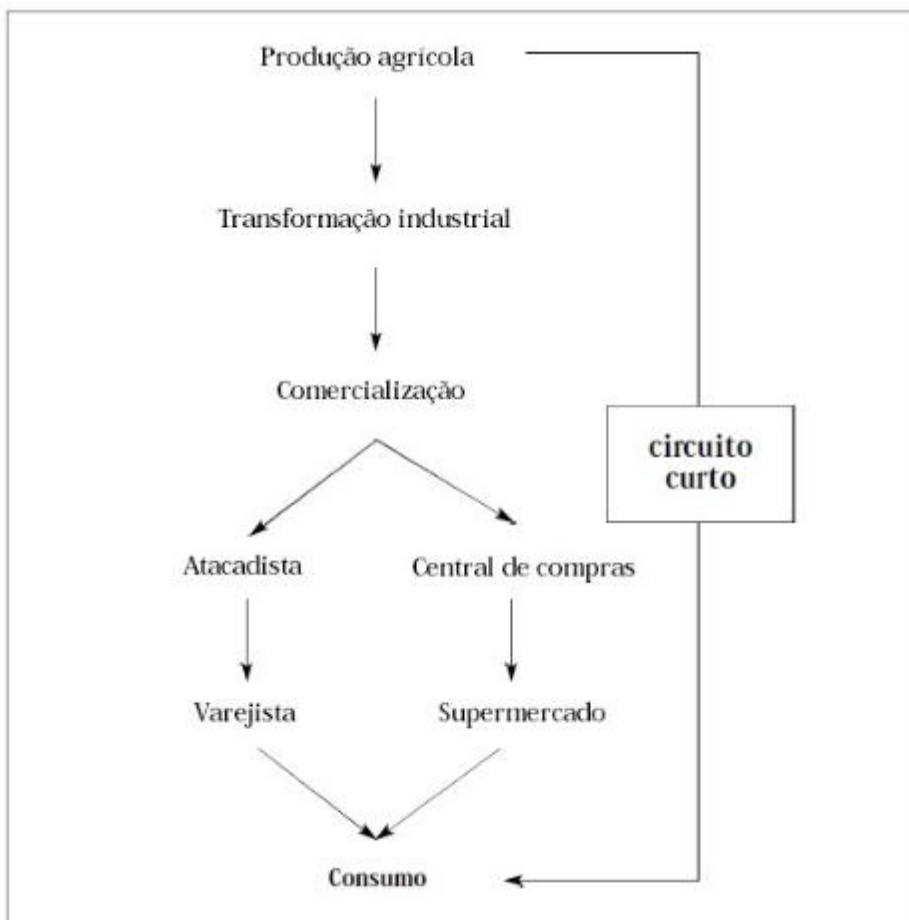
“un circuit court est un mode de commercialisation des produits agricoles qui s'exerce soit par la vente directe du producteur au consommateur, soit par la vente indirecte à condition qu'il n'y ait qu'un seul intermédiaire entre l'exploitant et le consommateur”<sup>2</sup>

Paralela a esta concepção, Chiffolleau (2007) também caracteriza os chamados Circuitos longos agroalimentares, que possuem (1) intrincadas teias de compra, revenda e distribuição, que denotam um distanciamento não somente comercial, mas também social, (2) a falta de identidade dos alimentos, sendo que na maioria das vezes não seria possível ao consumidor identificar o respectivo produtor, e (3) a divisão social e espacial do trabalho. Os Circuitos Curtos e longos são ilustrados na figura 1.

---

<sup>2</sup> FRANCE. **Consommation : manger local partout en France.** Disponível em: <http://agriculture.gouv.fr/consommation-manger-local-partout-en-france>. Acesso em 23 de Junho de 2016.





**Figura 1 – comparação entre os Circuitos Curtos e os Sistemas Alimentares convencionais**

Fonte: Adaptado de Darolt (2013).

Em 2012, o Conselho governamental da região administrativa de Pays de la Loire, na França, formalizou o conceito de Circuitos alimentares de proximidade, de acordo com Jacques Auxiette, presidente do conselho regional de Pays de la Loire<sup>3</sup>:

“La Région des Pays de la Loire souhaite développer une agriculture durable, plurielle, ancrée sur le territoire et soucieuse des aspirations citoyennes. Pour concrétiser cette ambition, il nous est apparu nécessaire de formaliser la notion de circuits alimentaires de proximité à travers une charte régionale.”

<sup>3</sup> PAYS DE LA LOIRE. **Charte: Circuits Alimentaires de proximité et de qualité**. Nantes. 2012. 16 p.

Nesta carta, diferentemente das concepções anteriores, confere aos Circuitos Curtos, ou Circuitos alimentares de proximidade, a noção de extensão, pois ela delimita uma distância máxima de 80 km entre local de produção e consumo:

“[...] la priorité sera donnée aux projets apportant la garantie d’une alimentation d’origine régionale ou des départements limitrophes dans la limite de 80 km.”

Nos estudos preliminares para a implantação de políticas governamentais que envolvem Circuitos Curtos na região administrativa de Pays d’Ancenis<sup>4</sup>, também na França, essa delimitação se estende a 150 km:

“Nous avons retenu pour cette étude le vocable utilisé par l’ADEME (Agence de l’Environnement et de la Maîtrise de l’Énergie) de « **circuit court alimentaire de proximité** », circuit qui répond principalement à deux critères: circuit de vente directe ou avec un (voire deux) intermédiaires (= circuit court); e distance limitée (généralement inférieure à 150 km) entre le lieu de production et le lieu de consommation.” (PAYS D’ANCENIS, 2015, p.7)

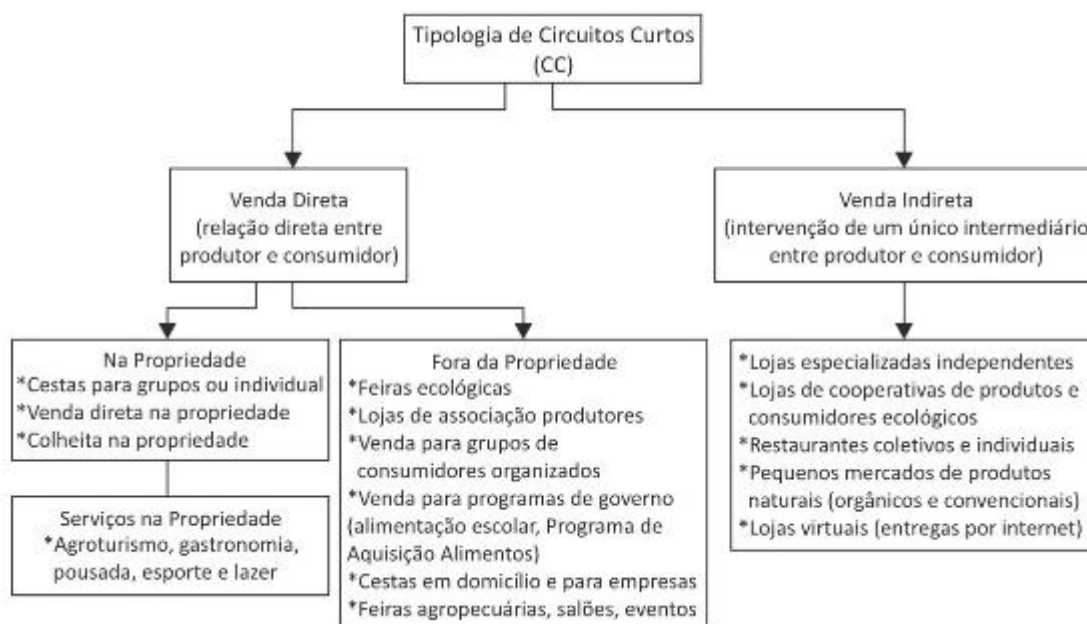
Segundo Chaffotte e Chiffolleau (2007), o apoio governamental aos circuitos curtos na França permitiu uma aproximação entre consumidores e produtores, uma melhor remuneração do produtor, preços justos ao consumidor, incentivo à produção local, gerando empregos e dinamizando a economia local.

### **Definição dos Circuitos Curtos e a comercialização de produtos Orgânicos**

No Brasil e na França, já existe uma variedade de experiências de vendas de alimentos orgânicos em Circuitos Curtos. Segundo Darolt (2012), a maioria dos produtores de base agroecológica com bons resultados de comercialização tem utilizado dois a três canais de venda (feiras do produtor, entrega de cestas em domicílio e, mais recentemente, compras governamentais), embora exista uma gama de alternativas. A Figura 2 representa a gama de possibilidades de venda direta e indireta nos Circuitos Curtos:

<sup>4</sup> PAYS D’ANCENIS. **Les circuits courts alimentaires de proximité en pays d’ancenis**. Ancenis. Jan. 2015. 109 p.





**Figura 2 – Tipologia dos Circuitos alimentares de proximidade**

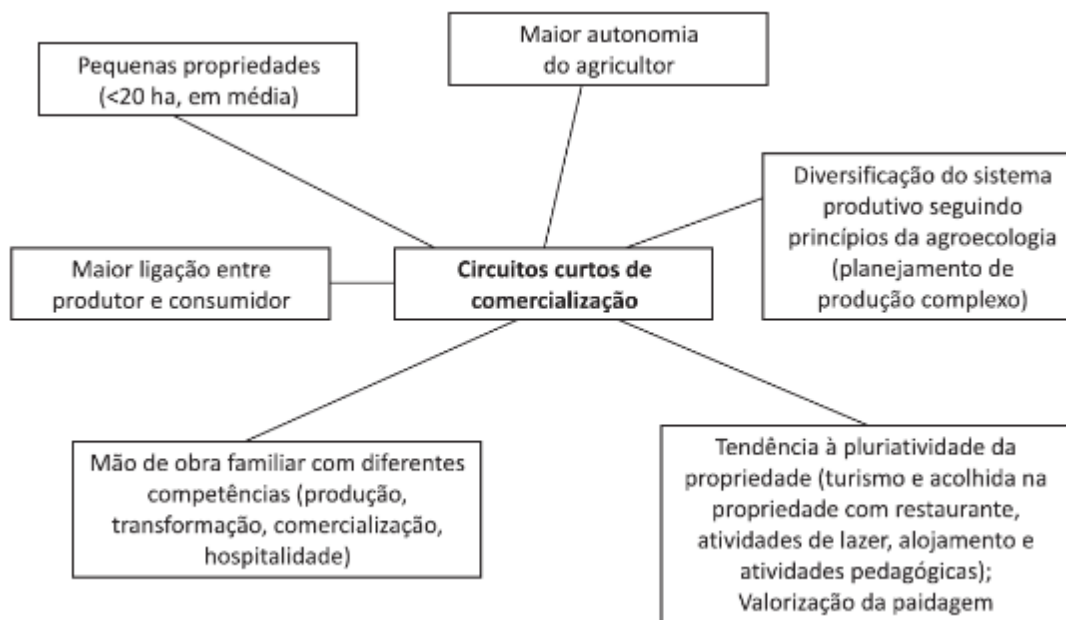
No Brasil, de acordo com Redin (2010) a maioria dos produtores de base agroecológica com bons resultados de comercialização em circuitos curtos tem utilizado as feiras como canal de comercialização da produção, mas há uma gama de alternativas que se desenvolvem junto com o crescimento da demanda. Entre elas existe a opção de cestas em domicílio, vendas na propriedade associadas a circuitos de turismo rural, restaurantes, lojas especializadas e cooperativas de consumidores, além de vendas em lojas virtuais pela internet.

Na França e em Portugal é bem difundida a venda em Pontos de Venda Coletiva que são lojas administradas pelos próprios agricultores que vendem produtos de uma determinada região com características e tradições comuns (produtos do *terroir*). Outra modalidade alternativa são as cestas diversificadas para grupos organizados de consumidores ou para famílias individuais que podem ser encomendadas por telefone ou internet, entregues em domicílio, empresas ou outros espaços previamente acordados entre consumidores e produtores.

Outra característica a destacar em circuitos curtos é a maior autonomia do agricultor em relação aos circuitos longos. O agricultor agroecológico que vende em circuitos longos, normalmente, está ligado a empresas que controlam o que, quanto e como produzir. Segundo Darolt e Constanty (2008), os agricultores que trabalham integrados com empresas têm menor

autonomia na gestão, sendo o planejamento de produção e a comercialização realizados por elas. Ademais, o sistema de produção é simplificado e especializado em um ou dois produtos.

É comum nesses casos uma repetição da lógica comercial e industrial utilizada em sistemas convencionais com produção em grande escala. A Figura 3 resume diferentes características das propriedades que comercializam em circuitos curtos. Segundo Mundler (2008), a combinação entre agricultura ecológica e circuitos curtos tem impactos positivos em diferentes dimensões como na economia local, trazendo oportunidades de trabalho e de renda; na dimensão social com a aproximação de produtores e consumidores; e na dimensão ambiental, com a valorização da paisagem e dos recursos naturais.



**Figura 3 – Os resultados dos Circuitos Alimentares Curtos**

Fonte: Adaptado de Chaffotte e Chiffolleau (2007) e Mundler (2008).

### **A centralidade das feiras nos Circuitos Alimentares Curtos**

As feiras são eventos econômicos e sociais, já conhecidos no mundo Greco-romano, e que, de acordo com Agapio (2011) assumem, em meados do século XI, preponderante papel no

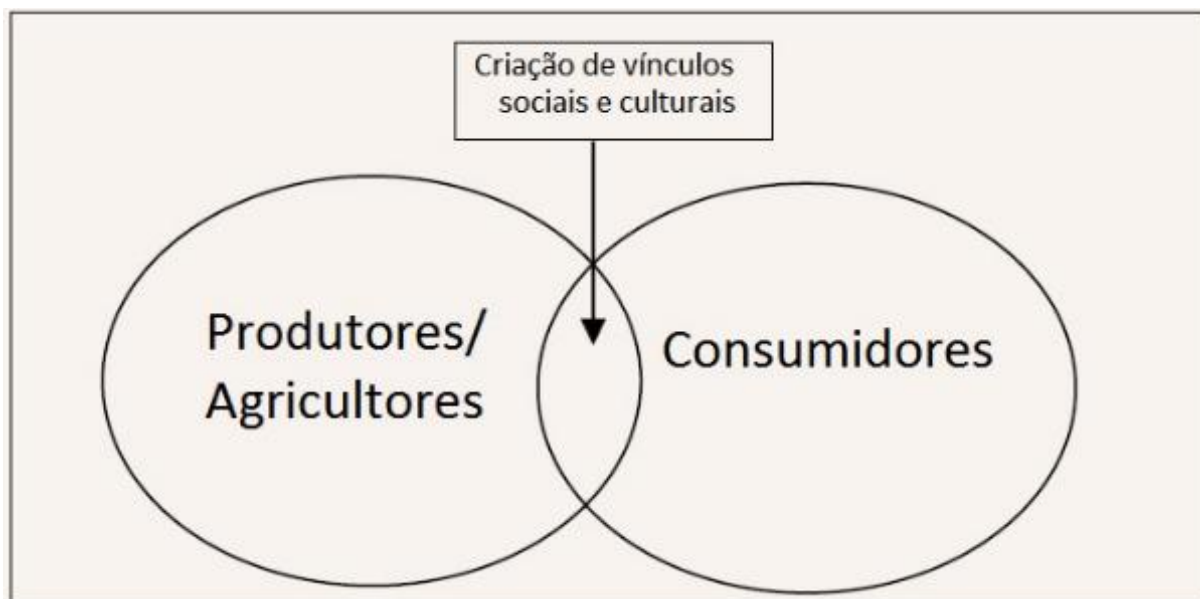
desenvolvimento urbano e na revitalização comercial da Europa. As feiras no mundo antigo e medieval surgem a partir dos agricultores que vendiam ou trocavam o excedente de sua produção em vias públicas. Sendo que a partir do século XIII, ainda de acordo com Agapio (2001) estas assumem uma grande importância no desenho das rotas comerciais da Europa Ocidental, sendo que a partir deste período, se intensifica a presença dos mercadores especializados, que são agentes intermediários entre o produtor e o consumidor.

No Brasil, segundo Mascarenhas (2008), as feiras são constantes desde a época colonial, sendo estas as principais formas de fornecimento dos, até então, pequenos centros urbanos e dos engenhos, e no Brasil império até meados do século XX, as feiras foram determinantes na organização espacial de entrepostos comerciais, que mais tarde vieram a constituírem-se cidades.

Em meados do século XX, com a racionalização da agricultura, juntamente com o êxodo rural e a polarização da comercialização de alimentos nos supermercados, trouxe um substancial enfraquecimento da importância das feiras. No entanto, de acordo com Darolt (2012) o mercado interno de produtos orgânicos tem aumentado exponencialmente, esse aumento se reflete na multiplicação do número de feiras orgânicas. Existem na França cerca de 130 feiras de venda direta, e no Brasil em 2010 existiam 142, de acordo com pesquisa do Idec (2012). A cidade do Recife, uma do estado de Pernambuco, a primeira feira de produtos orgânicos surgiu em 1997, em 2013 já existiam 23 feiras do gênero.

Essa tendência de multiplicação das feiras tende a continuar no Brasil. De acordo com uma pesquisa do , feita em Janeiro de 2010, onde a pergunta chave era: “Você comeria mais alimentos orgânicos se...?” A maioria dos internautas que respondeu à enquete (74%) escolheu a opção “se ele fosse mais barato”. Em segundo lugar, com 20% dos votos, veio a opção “se houvesse mais feiras especializadas perto da minha casa”. Apesar de apontarem problemas diferentes, as duas respostas são mais análogas do que se imagina. Os alimentos orgânicos, em geral, são mesmo, ainda de acordo com Ipec (2010) mais caros que os convencionais porque já incorporam o custo da produção sustentável. Mas o valor é especialmente mais alto nos supermercados, como verificou a pesquisa do Idec realizada em 2010 e publicada na edição no 142 da Revista do Idec. Nas feiras especializadas encontram-se os melhores preços, e como identificou o levantamento de 2010, a diferença de valor de um mesmo produto em relação ao supermercado chegava a incríveis 463%.

A possibilidade de aumento do contato entre produtores e consumidores nas feiras além de dinamizar economicamente a produção camponesa, conferir rastreabilidade e um caráter indenitário aos produtos, também permite uma maior interação cultural e social entre os agentes, como mostrado na figura 4. Neste sentido as Feiras tornam-se portas para uma reconexão social e cultural entre o rural e o urbano.



**Figura 4 – A proximidade social proporcionada pelos Circuitos Curtos**

### **Considerações Finais**

Desta maneira, este conceito ainda em construção, e que influencia sobremaneira as políticas públicas em países europeus também encontra solo fértil no Brasil, mediante a produção com base orgânica e/ou agroecológica. Assim os Circuitos Curtos agroalimentares tornam-se um canal alternativo ao onisciente mercado, e, paralelamente, contribui eficazmente para a valorização do pequeno agricultor e do campesinato mediante a geração de renda e o desenvolvimento local.

### **Referências Bibliográficas**

AGAPIO, Roberto. **Feira livre**. Disponível em: <http://www.robertoagapio.fot.br/texto01.htm>. Acesso em: 13 de outubro de 2013.

BRASILEIRO; MACHADO; SILVA; JÚNIOR. **A paisagem cultural das feiras agroecológicas do Recife**: espaços interativos das novas campesinidades. In: VIII Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural. 2010.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**: perspectivas para uma nova Extensão Rural. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, RS, v.1, n. 1, p. 16-37, jan./mar. 2000.

CHAFFOTTE, L. & CHIFFOLEAU, Y. **Circuits courts et vente directe**: définition, typologie et évaluation. Cahiers de l'Observatoire CROC, n. 1 et 2, février/mars, 2007.

CHIFFOLEAU, Y. **Les Circuits courts de commercialisation en agriculture**: diversité et enjeux pour le développement durable. In: MARECHAL, G. (Org.). Les circuits courts alimentaires: bien manger dans les territoires. Educagri éditions, 2008. pp. 21-30.

DAROLT, LAMINE, BRANDEMBURG. **A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos**: ensinamentos do caso brasileiro e francês. In: Agriculturas, v. 10, n. 2, p. 9, jun. 2013.

DAROLT, M.R. **Conexão Ecológica**: novas relações entre agricultores e consumidores. Londrina: IAPAR, 2012. 162 p.

FEENSTRA R. **New evidence on the gains from trade**. Review of World Economics. 2006.

FRANCE. **Consommation** : manger local partout en France. Disponível em: <http://agriculture.gouv.fr/consommation-manger-local-partout-en-france>. Acesso em 23 de Junho de 2016.

GRISA, SCHMITT, MATTEI, MALUF, LEITE. **Contribuições do Programa de Aquisição de Alimentos à segurança alimentar e nutricional e à criação de mercados para a agricultura familiar**. In: Agriculturas, v.8, n.3, p.35, set. 2011.

GUIVANT, J. S. Os supermercados na oferta de alimentos orgânicos: apelando ao estilo de vida ego-trip. Ambiente e Sociedade, v.6, n.2, 2003, 81p.

IDEC. **Rota dos Orgânicos**. Revista do IDEC, São Paulo, n. 162, p. 20-23, fev., 2012.

KLOPPENBURG, J. JR, HENDRICKSON, J., AND STEVENSON. **Coming in to the foodshed**. Agriculture and Human Values G.W. 1996.

KLUTH, B.; BOCCHI JR., U.; CENSKOWSKY, U. **Pesquisa sobre o comportamento e a percepção do consumidor de alimentos orgânicos no Brasil – 2010**. München: Organic Services/ Jundiaí: Vitalfood, 2010. 38 p.

LAMINE, C. **Changer de système**: une analyse des transitions vers l'agriculture biologique à l'échelle des systèmes agri-alimentaires territoriaux. Terrains et Travaux, v. 20, p.



LAMINE, C. **Les Amaps: un nouveau pacte entre producteurs et consommateurs?** Gap: Ed. Yves Michel, 2008. 140 p.

LEADER. **Comercializar os produtos locais:** Circuitos curtos e circuitos longos. Disponível em: <http://ec.europa.eu/agriculture/rur/leader2/rural-pt/biblio/circuits/p1c1.htm>. Acesso em 24 de Junho de 2016.

LONDRES, F. **Agrotóxicos no Brasil** – um guia para ação em defesa da vida. Rio de Janeiro: ANA e RBJA, 2011.

MARECHAL, G. **Les circuits courts alimentaires:** bien manger dans les territoires. França: Ed. Educagri, 2008. 216 p.

MASCARENHAS, G; DOLZANI, M.C.S. **Feira livre:** territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. Revista Eletrônica Ateliê Geográfico, UFG/IESA v. 2, n. 4, agosto/2008.

MUNDLER, P. **Petites exploitations diversifiées en circuits courts.** Soutenabilité sociale et économique. Lyon: Isara Lyon, 2008. 34 p.

PAYS D'ANCENIS. **Les circuits courts alimentaires de proximité en pays d'ancenis.** Ancenis. Jan. 2015. 109 p.

PAYS DE LA LOIRE. Charte: **Circuits Alimentaires de proximité et de qualité.** Nantes. 2012. 16 p.

PLOEG, Jan Douwe van der. **Camponeses e impérios alimentares:** lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Trad. Rita Pereira. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 372 p.

POULAIN, Jean Pierre. **Sociologias da alimentação:** os comedores e o espaço social alimentar. Florianópolis: Ed. UFSC, 2006.

RAYMOND, Williams. O campo e a cidade. Na história e na literatura. Tradução Paulo Henriques Britto. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

REDIN, E; SILVEIRA, P.R.C. **Agricultura Familiar e Ruralidade.** Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. 2010.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** espaço e tempo, razão e emoção. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 384 p.